

O Brilho da Pérola

Era uma tarde como outra qualquer.
Em férias e longe das preocupações diárias,
caminhava ao longo da praia, descalço.
A praia estava apinhada de gente,
mas eu estava só!
Distante, vagueava nos meus pensamentos!
Inquietava-me com os mistérios da vida
e da minha própria identidade!
Estava longe de perceber
o turbilhão de “silhuetas”
que nasciam, renasciam e desapareciam
esfumando-se sem permanecerem
e deixando-me cada vez mais inquieto.
Sem me dar conta,
estava no extremo da praia,
esbarrando com o molhe
que se deparava diante dos meus olhos.
Tinha percorrido mais de um quilómetro
mas o pensamento,
esse ainda estava no ponto de partida.
Ergui os olhos para o alto
e pude ver para lá das névoas
que até então tinham turvado o meu olhar
mergulhado no fundo de mim.
No cimo do molhe,
uma menina sentada nos penedos,

de olhar contemplativo e sereno,
parecia, também ela,
interrogar-se sobre algum mistério.
Os cabelos ondulados
deslizavam-lhe pelas costas
e seus olhos, grandes, pareciam distantes,
tentando abarcar a imensidão do mar.
Guardo na memória um rosto sereno
e um olhar vago, parecendo inquieto.
Fui subindo os penedos amontoados
para travar a violência das águas.
Foi então que pude observar:
a menina perdia-se entre a contemplação
do imenso mar e das suas mãos fechadas.
Algo encerrada nas mãos,
não podia desvendá-lo àquela distância.
Aproximei-me um pouco mais,
a menina espreitava por entre as mãos fechadas,
a medo, algo que elas continham —
parecia um molusco.
Cheguei ao pé dela,
sem que pudesse ter-me notado,
tão envolvida estava em seus pensamentos.
Tentei “acordá-la”:
- «Olá!» — e toquei-lhe no ombro.
Voltou-se para mim assustada,
encerrando contra o peito
o mistério que as suas mãos envolviam.
- «Não te assustes» — interferi — «posso sentar-me?»
Acenou timidamente com a cabeça que sim.

Sentei-me ao seu lado
e ela passou a olhar-me serenamente
com um brilho intenso e profundo
que parecia penetrar-me por dentro.

- «Estás inquieta?! Que procuras?» — disse eu.

- «É por causa desta “concha”!» — respondeu,
mostrando-me uma ostra que tinha nas mãos —
«lá dentro tem qualquer coisa brilhante,
mas tenho medo de abrir.

Quer espreitar por este burquinho?» —
e mostrava-me a concha partida num canto,
por onde se podia vislumbrar
um pedacinho da pérola
que jazia, serena, no seu interior.

- «É linda, tem um brilho esplêndido,
mas tens que abrir a concha
para poderes contemplar
e mostrar todo o seu brilho e beleza!»

- «Mas não consigo, tenho medo,
pode fugir..., pode não ser bela...,
pode..., eu não sou capaz!»

- «Vamos lá, não podes ter medo,
a beleza é para encantar
e escondida ninguém a pode admirar!

Queres que te ajude a abrir a concha?!»

- «Faz isso?! E não vamos ficar desiludidos?»

- «Não! Lá dentro está uma pérola lindíssima!

Temos que abrir devagarinho,
ir descobrindo lentamente para não partir a caixinha,
porque a bolinha brilhante,

precisa desta caixinha bonita
para proteger a sua beleza maior.»
E fomos abrindo lentamente a ostra,
como se de um mistério se tratasse,
com a ajuda de uma chave
que guardava no meu bolso.

A medida que ia abrindo a concha
ia aparecendo uma luz brilhante,
cada vez mais intensa
e bela, muito bela!

A menina estava boquiaberta,
ficou suspensa durante alguns segundos
e depois balbuciou lentamente...

- «... é lin... da!»

- «É, muito linda! Vês ali o teu rosto?

Também tu és linda,
vista no espelho desta luz interior!»

- «Sim! E o seu rosto também tá lá...

... estamos lá os dois! Que bonito!»

Deu-me um abraço terno
e encostou a sua cabecita no meu ombro.

Estava maravilhada com a revelação
do mistério daquela caixinha-surpresa.

Também eu estava maravilhado
com este mistério da vida

e pude compreender e partilhar com ela:

- «Sabes, a beleza dos mistérios

torna-se mais bela,

quando aprendemos a partir a concha!

A beleza interior é sempre maior que a exterior,

mas só a pode descobrir
quem nos ajuda a partir a concha.

Obrigado por me teres deixado
ajudar-te a partir a concha,
assim pude ver a tua beleza
a partir desse brilho interior
onde tu te espelhas!»

- «E eu também posso ver a sua, não posso?»

- «Sim! Olhando um para o outro
revelamo-nos como caixinhas-surpresa,
mas contemplando-nos a partir da luz interior
vemo-nos mutuamente
com um brilho muito mais intenso
que só ambos podemos compreender.

A partir de agora estamos juntos
na pérola brilhante que revela mais do que rostos,
revela a cumplicidade do partir da concha
que ninguém abre sozinho!»

- «Posso mostrá-la a toda a gente?»

- «Não! Leva-a contigo para casa,
resguardada nessa caixinha bela!

Mantém a caixinha fechada,
mostra-a apenas aos verdadeiros amigos
àqueles em quem confias de verdade,
só podem compreender esse brilho,
aqueles que contigo conseguirem abrir a caixinha!

Só merece ver o brilho da tua pérola
quem não ta quiser “roubar”
e quem souber espelhar-se contigo nela.
Conserva-a sempre assim brilhante

e não te esqueças que nela
também podes ver o meu rosto.
Obrigado por me fazeres cúmplice
de tão maravilhosa revelação!
O meu cofre interior
também vai guardar esse brilho
a projectar sempre uma imagem—
o teu lindo rosto sorridente!»
A menina sorriu-me profundamente
e eu compreendi que ela era feliz!
Partiu a correr, dirigindo-se para as casas
na margem da praia.
E eu fiquei ali a contemplar o mar.
Lá bem longe eu continuava a ver
uma pérola brilhante
a espelhar dois rostos:
o da menina em primeiro plano
e em sombra, por detrás,
o meu rosto vigilante!

Pe. José Augusto Marques
Fátima, 5 de Setembro de 2002